

Depois de nós, o dilúvio

Quando visitei diferentes lugares do Rio Grande do Sul na semana passada, lembrei-me desse ditado que costumava ser usado quando você tomava uma decisão dúbia e depois não queria saber nada sobre as consequências. Diz-se que remonta a uma declaração de Madame de Pompadour (1757).

Porém, quando vi as enchentes em Porto Alegre e os desvios que tive que fazer para chegar a Caxias do Sul, pensei: **Na minha frente o dilúvio**. Chovia há semanas no sul do Brasil e rios ou córregos que não transbordavam há meio século inundavam lugares inteiros. Se também ouvimos falar dos rompimentos de barragens e inundações na Líbia, chegaremos à conclusão de que estamos no meio das alterações climáticas.

Talvez ainda mais dramática seja a situação na Amazônia, a área mais rica em água doce do planeta, mas não resta muito dela. Leitos de rios secos, onde outrora colunas de navios mantinham a economia e os suprimentos funcionando, só vemos bancos de areia secos. Os peixes morreram e as gerações de pescadores fluviais perderam o seu sustento tradicional.

Essas situações climáticas extremas parecem ser a nova realidade. Não foi uma surpresa, foi dito muito antes. Já em 1972, o Clube de Roma previu o fim do crescimento no globo, mas poucos ouviram. O crescimento real só começou depois disso. De lá para cá, a população mundial dobrou, ainda não havia internet e nem PCs, muito menos celular. Empresas como Microsoft, Google, Apple, Amazon ainda não existiam. O mundo era mais gerenciável e menos interconectado. Hoje você diria que ainda era analógico.

Mas qual é o objetivo dessa retrospectiva sentimental, não há nenhuma instituição, nenhuma organização e nenhum governo que possa realmente parar as catástrofes futuras. Apesar dos carros elétricos e do aquecimento neutro, o progresso continua, o desperdício da prosperidade está aumentando, os oito bilhões têm que ser alimentados e abastecidos, apenas o globo e sua terra fértil não estão crescendo.

Bertholt Brecht já escreveu em seu poema sobre o pobre B.B.:

Dessas cidades permanecerá: aquele que por elas passou, o vento!

A casa faz a alegria do comedor: ele a esvazia.

Sabemos que somos provisórios

E depois de nós chegará: **nada que valha a pena mencionar.**

Nach uns die Sintflut

Als ich letzte Woche verschiedene Orte in Rio Grande do Sul besuchte, kam mir dieser Spruch in den Sinn, den man früher anwandte, wenn man eine zweifelhafte Entscheidung getroffen hatte und danach von den Folgen nichts mehr wissen wollte. Er soll auf einen Ausspruch von Madame de Pompadour zurückgehen (1757).

Als ich allerdings die Überschwemmungen in Porto Alegre sah und auch die Umleitungen, die ich fahren musste, um nach Caxias do Sul zu kommen, dachte ich: **Vormir die Sintflut**. Es regnet es schon Wochenlang im Süden Brasiliens und Flüsse oder auch Bäche, die in einem halben Jahrhundert nicht über die Ufer getreten waren, überspült ganz Orte. Wenn man dazu noch von den Dammbründen und Überschwemmungen in Lybien hört, dann kommt man zu dem Schluss, dass wir uns mitten im Klimawandel befinden.

Vielleicht noch dramatischer ist die Situation im Amazonasgebiet, dem süßwasserreichsten Gebiet der Erde, doch davon ist nicht mehr viel zu sehen. Ausgetrocknete Flussbeete, wo einst Kolonnen von Schiffen die Wirtschaft und die Versorgung aufrechterhielten, sehen wir nun noch trockene Sandbänke. Die Fische sind verendet und die Generationen von Flussfischern haben ihre traditionelle Lebensgrundlage verloren.

Diese extremen Witterungssituationen scheinen die neue Realität zu sein. Sie kam nicht überraschend, wurde schon lange vorher gesagt. Schon der Club of Rome sagte 1972 das Ende des stetigen Wachstums auf dem Globus voraus, doch wenig gehört darauf. Das wirkliche Wachstum begann erst danach. Seitdem hat sich die Weltbevölkerung verdoppelt, es gab noch kein Internet und keine PCs, viel weniger ein Celulartelefon. Firmen wie Microsoft, Google, Apple, Amazon gab es noch nicht. Die Welt war überschaubarer und weniger vernetzt. Heute würden sie warnen analog.

Doch was soll der sentimentale Rückblick, es gibt keine Institution, keine Organisation und keine Regierung, die die zukünftigen Katastrophen wirklich aufhalten könnten. Trotz Elektroauto und neutraler Heizung, der Fortschritt geht weiter, der Wohlstandsmüll nimmt zu, die acht Milliarden müssen ernährt und versorgt werden, nur der Globus und seine fruchtbare Erde wächst nicht.

Bertholt Brecht schrieb schon in seinem Gedicht über den Armen B.B.:

Von diesen Städten wird bleiben: der durch sie hindurchging, der Wind!

Fröhlich macht das Haus den Esser: erleert es.

Wir wissen, dass wir Vorläufer sind

Und nach uns wir kommen: **nichts Nennenswertes**.

